



O MOVIMENTO FILOSÓFICO DA FENOMENOLOGIA E SUA VISÃO DE HOMEM

MARIA LUÍSA RAMALHO FERREIRA DA SILVA¹

JOÃO PAULO MARTINS²

DILSON BRITO DA ROCHA³

Resumo: Com este estudo temos o objetivo de rastrear os pressupostos filosóficos, fundamentais e metodológicos da fenomenologia. Poder-se-ia defini-la como um movimento filosófico contemporâneo, a despeito de ter raízes profundas, remontando aos filósofos primordiais. O movimento fenomenológico será enfrentado aqui desde sua gênese em Edmund Husserl e suas considerações epistemológicas, pontualmente em relação à sua noção de intencionalidade. Sem embargo, tomaremos como central a questão do ser, conforme engendrada por Martin Heidegger, não deixando desapreço o entendimento peculiar de homem da fenomenologia.

Palavras-chave: Fenomenologia; epistemologia; intencionalidade; ser; homem.

1 Bacharel em Psicologia pela FIB – Faculdades Integradas de Bauru.

2 Bacharel em Psicologia pela USC – Universidade do Sagrado Coração; Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília); Docente na FIB - Faculdades Integradas de Bauru.

3 Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília); Mestre em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana de Roma, Itália (PUG/Roma). Docente na FIB - Faculdades Integradas de Bauru. E-mail: dilsondarocha@gmail.com

PHENOMENOLOGY'S PHILOSOPHICAL MOVEMENT AND ITS MAN'S VIEW

Abstract: With this study we aim to track the philosophical, fundamental and methodological assumptions of phenomenology. It could be defined as a contemporary philosophical movement, despite having deep roots, going back to the primordial philosophers. The phenomenological movement will be faced here since its genesis in Edmund Husserl and his epistemological considerations, punctually in relation to his notion of intentionality. However, we will take as central the question of being, as engendered by Martin Heidegger, not letting go of the peculiar man's understanding of phenomenology.

Keywords: Phenomenology; epistemology; intentionality; being; man.

INTRODUÇÃO

A fenomenologia surgiu no palco europeu nos primeiros anos do século XX, com o matemático e filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1939), que buscou reformular o panorama do conhecimento e constituir uma nova base epistemológica, aquela que se constituiria como a fundamentação de todas as outras ciências.

Husserl traz como central a noção de intencionalidade, que explicita a ideia de um *a priori* de correlação, isto é, a noção de que uma "consciência de" ou uma relação em que, assim como todo objeto é sempre objeto-para-uma-consciência, toda consciência é sempre consciência-de-um-objeto. O filósofo buscou colocar a fenomenologia em um paradigma para além do clássico dualismo moderno sujeito e objeto. Desta forma, a fenomenologia foi apresentada como uma ciência que investiga aquilo que se mostra à consciência em todas as suas significações possíveis.

Martin Heidegger (1889-1976), aluno e importante sucessor de Husserl, desenvolveu seu pensamento em vias distintas à de seu mestre, ao radicalizar a ideia de consciência intencional para existência ou *Dasein*. A questão que norteia o pensamento heideggeriano diz respeito ao sentido do ser. O autor lida de duas formas com a relação que o sentido do ser tem com a tradição, quais sejam: 1) mediante o reconhecimento de que qualquer formulação sobre o sentido do ser se movimenta, de algum modo, já sempre no interior das vias tradicionais; e 2) de forma a procurar desconstruir o fundamento impensado deste modo tradicional

de colocação. Heidegger compreende esse projeto como o projeto da destruição da ontologia. (cf. CASANOVA, 2017).

De qualquer sorte, Heidegger compreende esse projeto como o projeto da destruição da ontologia, que conduz à formulação mesma do termo *Dasein*, que se refere a forma própria da radicalização de Heidegger da noção de intencionalidade, que é dotado de nadidade ontológica. Sua obra fulcral intitulada *Ser e Tempo*⁴, datada de 1927, nos possibilita enveredar pelo caminho da analítica da existência, ou, se quisermos, a analítica da existência humana.

DESENVOLVIMENTO

A fenomenologia é um pensamento filosófico que emergiu em cenário europeu nos primeiros anos do século XX, com Edmund Husserl. Há diversas ramificações no que diz respeito as linhas de pensamento posteriores à obra husserliana. Muitas ideias filosóficas foram construídas a partir de aproximações, ao passo que outras surgiram como contraponto de tais ideias. No entanto, os principais sucessores foram Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), pensadores responsáveis por estender a filosofia fenomenológica a partir de suas origens em Husserl. As linhas de pensamento correspondentes a esses foram o existencialismo de Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty e a hermenêutica cunhada por Heidegger. (cf. GALLAGHER *et al.* 2012).

O idealizador da fenomenologia Edmund Husserl, buscou reformular o panorama do conhecimento e construir, dessarte, uma filosofia primeira que traria os elementos necessários para a fundamentação de todas as outras ciências. Husserl chamou a fenomenologia de ciência dos fenômenos. Significa dizer que se trata da “ciência que investiga aquilo que aparece ou que se mostra à consciência em todas as suas significações possíveis”. (GOTO, 2007, p. 55).

A noção de consciência aqui é reformulada em seus aspectos mais fundamentais, o que significa dizer que não mais se considera a consciência como algo que existe em si, ou seja, que existe separada daquilo que se mostra a ela. “*A priori* de correlação” é o termo que o filósofo utilizou para explicitar a ideia de que uma consciência é sempre “consciência de”, ou seja, cada consciência existe em relação ao seu objeto. Portanto, todo objeto é sempre objeto-para-uma-consciência e toda consciência, por seu turno, é sempre consciência-de-um-objeto. (cf. GOTO, 2007).

Independentemente da forma de consciência, se falamos de percepções, pensamentos, julgamentos, expectativas, lembranças ou fantasias, estamos falando

4 Em alemão *Sein und Zeit*.

de objetos intencionais, que não podem ser considerados sem seu objeto correlato, como, por exemplo, o sentimento de amor, só se ama um amado, ou, no caso do temor, só se teme algo temeroso. (cf. MARTINS, 2015). Por conseguinte, a consciência possui em essência o caráter de intencionalidade⁵. Com isso, Husserl buscou a superação do dualismo encontrado na perspectiva psicologista – com a noção de sujeito cartesiano-kantiano⁶ – e a perspectiva logicista – que priorizava o mundo objetivo e natural – colocando, desta maneira, o conceito de *a priori* da correlação universal como tema central de sua fenomenologia. (cf. GOTO, 2007).

Tendo em vista os fenômenos como aquilo que se dá à experiência, tal como se dá, conforme explicitado anteriormente, é que se torna possível compreender como a atitude fenomenológica se constitui a partir da suntuosa máxima husserliana “voltar as coisas mesmas”, daí o método fenomenológico. (cf. HUSSERL, 2012). Se trata de uma suspensão da atitude natural, que parte de pressuposições tomadas como verdadeiras para a compreensão daquilo que se mostra, os fenômenos, como se as coisas possuísem uma natureza que já é desde o princípio estabelecida tal como a visada do senso comum e a visada científica categorizam. (cf. FEIJOO, 2011).

Sendo assim, a atitude fenomenológica exige que tais pressuposições sejam suspensas, de forma que se saia do campo empírico, que posiciona os objetos no espaço e no tempo, para que deixe emergir a vida da própria consciência em sua dinâmica imanente, isto é, deixar o campo emergir sem um gesto teorizante e determinante daquilo que se mostra. Pois tal gesto teorizante acerca do homem se torna impossível, dada a desconsideração do eu substancial (interno), conforme proposto pela filosofia moderna. (cf. FEIJOO, 2011).

Em sua obra *Ser e Tempo*, Martin Heidegger busca levar às últimas consequências o ideal fenomenológico de uma filosofia sem pressupostos, que irá depender de uma suspensão dos entes em geral, incluindo o ente que pode realizar

5 Intencionalidade é um constructo central no pensamento husserliano, herdado de seu professor, o psicologista Franz Brentano (1838-1917), que indica para esses autores propriamente um *a priori* de correlação, quer dizer, o direcionamento da consciência sempre dada a um objeto, independente da natureza desse objeto. (cf. MARTINS, 2015).

6 O pensamento cartesiano-kantiano concebe o sujeito a partir da natureza psicofísica, na qual o sujeito se encontra dicotomizado do ambiente externo que é o seu. Sendo assim, fenômeno, ou objeto, é compreendido como coisa que existe em si mesma, independentemente de sua relação com a consciência. Essa visada traz consigo os dilemas acerca da dicotomia sujeito-objeto, mente-corpo, eu-mundo e interno-externo. Husserl chamou isso de “atitude natural”. (cf. GOTO, 2007). Para Husserl, tanto o ideal científico de René Descartes (1596-1650), que utilizou o pensar físico-matemático em suas investigações, quanto o empreendimento epistemológico de Immanuel Kant (1724-1804), em que estabeleceu uma distinção entre os objetos da experiência (fenômeno) e as coisas em si (*noúmeno*), não foram suficientes para alcançar a fundamentação necessária, isso porque tais filósofos não levaram em consideração a subjetividade, isto é, o sujeito no processo do conhecimento. (cf. ALMEIDA et al., 2016). O esquecimento do sujeito no processo do conhecimento foi a crítica propulsora, a qual levou Husserl a desenvolver a noção central de sua fenomenologia, a subjetividade enquanto consciência intencional dirigida aos objetos.

o exercício filosófico propriamente dito, o homem. (cf. CASANOVA, 2017). Para tanto, se faz necessário uma radical supressão de qualquer tentativa de definir o ser do homem, suspender tentativas de buscar elementos que possam ser tomados como elementos essenciais, ou melhor, aspectos que sejam necessariamente comuns à totalidade dos seres humanos.

Essa tarefa já estava presente nos esforços filosóficos de Husserl, ao propor o caráter intencional da consciência que, para Heidegger, consiste em uma formulação legítima, mas que não foi levado em sua radicalidade máxima, uma vez que ainda está circunscrita no projeto filosófico moderno de consciência. Neste seguimento, Heidegger leva às últimas consequências a noção de intencionalidade, radicalizando-a para existência. Não mais se fala aqui de consciência intencional, mas sim de que somos pura intencionalidade. Antes de Husserl, essa tarefa se mostrou vigente na obra de Friedrich Nietzsche. (cf. CASANOVA, 2017).⁷

Para que seja possível a elaboração de uma filosofia sem pressupostos, Heidegger buscou por um fundamento para a investigação do sentido do ser, quer dizer, buscou por uma ontologia fundamental. O único ente que coloca o sentido do ser em questão é o ente homem, chamado *Dasein*. Nesse sentido, tornar o ser do ente homem mais originariamente acessível proporcionaria um horizonte seguro, horizonte esse que não colocaria a compreensão do que é o homem nas complexas determinações metafísicas, teológicas, biológicas ou psicológicas. Para isto, o filósofo terá como fio condutor uma questão: a questão acerca do sentido do ser. (cf. SEIBT, 2010; SÁ, 2014).

A questão norteadora do pensamento heideggeriano não surgiu mediante um movimento de esforço original e singular de intelecção de um indivíduo chamado Heidegger, pois a questão acerca do sentido do ser se encontra inserida em um percurso histórico e não pode ser considerada de forma isolada desse percurso. (cf. CASANOVA, 2017). Colocar uma vez mais a questão acerca do sentido do ser implica, necessariamente, em uma relação com o horizonte a partir do qual algo assim possa ser pensado, isto é, uma relação com o modo tradicional de colocação⁸ dessa questão.

A última forma de lidar com a questão acerca do sentido do ser se justifica pela necessidade de uma recolocação da questão do ser, uma vez que tal questão caiu no esquecimento. A questão – “o que é o ente homem?” – se confundiu, na história da filosofia ocidental, com a questão acerca do ser e fomentou os esforços

7 A fim de um melhor aprofundamento ver: NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

8 Nos referirmos ao modo próprio da metafísica ocidental de colocação do sentido do ser. Heidegger denomina de “tradição encurtada” toda linguagem conceitual do ente homem de toda a história do pensamento, que tem seus primórdios nos gregos antigos, passa pelo latim da Antiguidade e da Idade Média cristã, sobrevivendo ao surgimento da Modernidade, fazendo parte da formação do paradigma moderno. (cf. CASANOVA, 2017).

de pesquisadores, desde a arrancada grega, conforme as palavras do próprio Heidegger: “Desde Platão e Aristóteles, a questão diretriz de todos os pensadores foi estabelecida sobre uma via, na qual ela, apesar de todas as diferenças relativas às posições fundamentais dos pensadores posteriores, persiste ainda hoje”. (*apud* CASANOVA, 2017, p. 13).

A relação do pensamento heideggeriano com a filosofia antiga se dá, portanto, a partir do seu apontamento de que a forma própria como questionamos acerca do sentido do ser se encontra legada de uma ontologia antiga determinística⁹, ou melhor, quando realizamos a pergunta “o que é o ser”, já a elaboramos a partir de uma compreensão do “é”, sem refletirmos a respeito do que significa esse “é”. Dizer que “o ser é”, coloca uma vez mais a essência do ser como estática, em uma perspectiva naturalística. Já desde o início questionamos a partir de um horizonte, legado de uma história da ontologia, história essa que Heidegger propõe destruir. Esta destruição, todavia, não tem a ver com a negação dessa história, mas muito mais de desconstrução do modo mesmo como foi questionado sobre o sentido do ser, modo esse que aponta para uma obviedade, a qual o pensamento ocidental assumiu desde a filosofia antiga para desenvolver pressupostos acerca de uma conceitualização do “ser”. (cf. HEIDEGGER, 2015; CASANOVA, 2017).

Tal destruição, por sua vez, não repousa sobre a pretensão de alcançar uma via pura de acesso ao que se encontra por detrás dessa presença. Ao contrário, ela aquiesce desde o princípio à impossibilidade de tal acesso. O que ela procura é antes quebrar uma tal presença para deixar vir à tona aquilo mesmo que essa presença não nos deixa apreender, mas que já sempre determina o modo como toda apreensão é possível. (CASANOVA, 2017, p. 18).

A recolocação da questão do sentido do ser resultou na formulação do alcunhado Ser-aí (*Dasein*), para designar o modo de ser do homem. Ser-aí em seu fundamento estrutural ontológico se constitui como ser-no-mundo, em outros termos, o mundo deixa de ser o espaço em que cada ser humano se move e que é composto por uma totalidade de entes e passa a ser compreendido como horizonte de sentido, que anuncia o caráter de abertura do ser. Nesse sentido, se torna impossível ser sem o tempo, sem o mundo, mundo que é o seu. O ser-aí recebe do mundo as orientações para a realização de seu poder-ser. (cf. SEIBT, 2010).

Ser-aí, do alemão *Dasein*, se refere à forma própria da radicalização de Heidegger da noção de intencionalidade, conforme apresentado por Husserl e explanado anteriormente, esta é sua compreensão de intencionalidade como a

9 Quando abordamos acerca da ontologia determinística, temos que, o ser-aí é um ente ontologicamente determinado pela tradição, ou seja, ao ente homem foram atribuídas propriedades, ao longo da história, tais como faculdades teóricas (entendimento, razão, imaginação, sensibilidade transcendental), biológicas (aptidões e potencialidades) ou práticas (talento, dom, capacidade de se submeter a leis ou de aprender com as experiências). (cf. CASANOVA, 2017).

própria dinâmica existencial e nada para além disto. O filósofo descreve o ser-aí como um ser capaz de interrogar o sentido do ser. Desse modo, é a partir do exame fenomenológico desse existente que se pode chegar à noção do sentido do ser em geral, e, nesse sentido, as características constitutivas do ser-aí são tidas como modos possíveis de ser, já que dada sua incompletude ontológica ser-aí é desde o princípio abertura e possibilidade de ser. (cf. FEIJOO, 2011).

A analítica do *Dasein*, portanto, não parte do ser, pois dessa forma formularia pressuposições apriorísticas do modo de ser do ser-aí, mas sim se inicia a partir do modo impróprio do existir, isto é, tal como esse se dá na cotidianidade mediana. (cf. FEIJOO, 2011). Há ausência de fundamento como ponto de apoio objetivo do Ser-aí, por isso, seu fundamento é a negatividade ontológica. Se tem como único apoio o seu aí (*Da*), o mundo. Nessa acepção, o termo ser-no-mundo se justifica, uma vez que sem o mundo não há ser. (cf. SEIBT, 2010).

Em *Ser e Tempo* Heidegger propõe empreender o questionamento de forma a realizar um desenvolvimento explícito acerca dos momentos constitutivos da questão sobre o sentido do ser. O modo de colocação dessa questão se confunde com o próprio caminho percorrido pela filosofia ocidental e, assim, tem os seus primórdios no pensamento grego clássico. O pensamento ocidental foi marcado pela ontologia grega da presença, que diz respeito a entificação do ser. Nesse cenário ontológico o ser dos entes ficou impensado no âmbito da metafísica ocidental e, por conseguinte, abriu-se a possibilidade de se pensar em propriedades, faculdades ou atributos enquanto determinísticos do Ser-aí, sendo esta a atitude natural.

O suntuoso projeto intelectual de Heidegger se desenvolve a partir de uma busca por levar às últimas consequências o ideal fenomenológico, tal como difundido por Husserl, de uma filosofia sem pressupostos. Para tal intento, o pensador da fenomenologia hermenêutica pensou a questão acerca do sentido do ser e sua relação com a tradição a partir do reconhecimento de que toda e qualquer formulação sobre o sentido do ser se movimenta, de algum modo, já sempre no modo de colocação das vias tradicionais. Além do reconhecimento da forma mesma de colocação da questão acerca do sentido do ser, pautada em uma ontologia da presença, o autor ressalta que tal aspecto permaneceu impensado no modo tradicional de colocação do sentido do ser, isso tendo em vista a dinâmica mesma do esquecimento do ser.

O modo de colocação das vias tradicionais, a partir da análise heideggeriana, se encontra legada de uma ontologia antiga determinística, que logo ao questionar “o que é o ente homem?”, já coloca a essência do ser como sendo estática. Essa é a questão diretriz que permitiu que os pensadores, posteriores ao pensamento platônico-aristotélico, pudessem estabelecer suas noções de mundo e de ente, assim mesmo de modo dicotomizado. Para levar a cabo seu projeto, Heidegger visa o retorno aos gregos antigos, entre os filósofos primordiais e a consolidação mesma

da ontologia da presença, para demonstrar de que modo a verdade do ser deixou de ser questionada na história do pensamento ocidental.

A antiguidade é o horizonte epocal que possibilitou a conceptualidade metafísica de ente, assim como o próprio Heidegger em *Ser e Tempo*. Os pensadores primordiais, compreendidos como aqueles que, contemporâneos ao nascimento mesmo da filosofia, não estariam embriagados pela linguagem conceitual pós-aristotélica. A apresentação dos termos *physis* e *aletheia* permitiu a contemplação do que Heidegger observou como sendo o revelar e despontar mesmo do pensamento pré-socrático que diz respeito à ambiguidade do acontecimento apropriativo, que não deixa de considerar o caráter de ocultado do ser dos entes.

O sentido fundamental e originário de *physis*, tal como os pensadores primordiais apresentaram, indica, em suma, uma unidade originária e comum que reúne, em si mesma, a dinâmica do que vem a ser, se apresenta, e do que deixa de ser na mesma medida, isto é, que se oculta. Em outras palavras, para os gregos tanto a iluminação quanto a escuridão são manifestações que procedem da abertura franqueadora, a *physis* se constituindo como uma dinâmica de co-pertencimento original entre verdade e não-verdade, a própria aparência e o sombreamento das coisas são um modo de ser da permanência de tudo o que é e não é. Destarte, a verdade do ser (*aletheia*), no sentido originário, indica a mostração de todo e qualquer discurso dos entes em geral e a própria condição de mostração, possibilitada pelo mundo.

Para os gregos antigos o que está em questão é o ser como *physis*, o que implica contemplar junto ao ser seu caráter de desvelamento e seu co-pertencimento ao ocultamento. Portanto, ao discorrer a respeito da noção de *physis*, se tornou evidente o movimento de vir-a-ser e repousar em meio à sua aparição que dá ao ente a sua presença. Isso implica compreender que a apreensão plena dos entes não pode ser efetivada. Os entes em geral não se podem fazer plenamente presentes em seu ser, havendo sempre o velamento de aspectos e possibilidades, na medida em que outros aspectos e possibilidades se fazem presentes no desocultamento.

Tal perspectiva nos conduz diretamente à noção mesma de *Dasein*. Sendo ser-aí desde o princípio abertura e possibilidade de ser dado sua incompletude ontológica. Esse caráter de ocultamento mediante sua determinação em um ente, ou esquecimento do ser, aponta que é próprio do Ser-aí, desvelador de mundo, ter essa condição encoberta. Trata-se da tendência do *Dasein* à inautenticidade, que é revelado junto à disposição afetiva da angústia, que torna a desvelar a finitude do ser-aí.

A finitude se torna impensada nas formulações da ontologia grega que, na sua conceptualidade de ente decidiu por estabelecer o ser como presença constante, que culminou no fato de tal decisão ter permanecido impensada no interior de toda

a história da filosofia e do pensamento ocidental até o despontar do movimento filosófico da fenomenologia. O esquecimento do ser possibilitou a pretensão da filosofia e, posteriormente, da ciência, pela busca de uma estrutura ontológica clara e evidente, firme e inabalável, que não se altera com as mudanças temporais e espaciais, aquilo que está estratificado e, portanto, é necessário e absoluto. Sendo essa a base estrutural na qual a questão acerca do sentido do ser se encontra sempre e a cada vez colocada, no interior da metafísica ocidental, que possibilita, assim, a noção de ideia emergente na filosofia socrático-platônica, o estabelecimento da supremacia do primado teórico sobre o primado prático de Aristóteles, a formulação do *lógos* medieval mais uma vez colocado nos paradigmas gregos de pensamento, a redução da totalidade dos entes à dicotomia sujeito-objeto tal como se deu no mundo moderno.

Ser-*aí* recebe do mundo as orientações para a realização de seu poder-ser, pois antes de realizar uma possibilidade existencial o ser-*aí* é nada. Outrossim, a atitude fenomenológica é denominada *epoché*. Este termo foi utilizado na época moderna por Husserl e retomado dos gregos antigos, usado principalmente pelos céticos, que significa a suspensão de juízos, isto é, de categorias hispostasiantes.

O pensador da fenomenologia hermenêutica concebe a destruição da ontologia tradicional em uma conexão necessária com a desconstrução das camadas sedimentadas de tal ontologia, que não deixam de estar vigentes nos comportamentos fáticos dos seres-*aí*. Portanto, a partir de tal desconstrução, um consequente retrocesso aos campos originários de constituição da possibilidade das ontologias históricas nos permite que o projeto de uma ontologia fundamental, expressada no termo *Dasein*, possa ser levada a termo. Isto é, se o ser dos entes não pode ser determinado, é que mais fundamental é o reconhecimento e a apresentação daquilo que o ser-*aí* não é, para que assim, a tarefa da destruição da ontologia possa ser levada a cabo e a visão mesma de homem possa ser mostrada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo procuramos demonstrar a gênese da fenomenologia enquanto movimento filosófico contemporâneo arquitetado por Husserl e radicalizado por Heidegger. Malgrado, fica evidente que a questão acerca do sentido do ser emergiu no período da antiguidade, especificamente no pensamento grego, havendo uma clara transformação paradigmática e um desenvolvimento histórico até o surgimento da fenomenologia, enquanto mudança de paradigma no que se refere ao sentido do ser.

Cumpra observar que a concepção de hermenêutica, aquela diltheyana,¹⁰ ao mesmo tempo que fundamenta as ciências humanas também consiste em uma crítica da razão histórica, uma vez que tudo aquilo que se mostra “participa da própria vida do que se mostra, o que significa ao mesmo tempo dizer que ela recebe seu ser propriamente dito do espírito em sua equiparação imediata com a visão de mundo da época”. (CASANOVA, 2011, p. 14). A partir de tais concepções Heidegger lança mão das mesmas para elaborar seu projeto de hermenêutica da facticidade. O filósofo alemão adiciona à hermenêutica o caráter ontológico, conforme se fundamenta toda sua filosofia, ou seja, a partir do termo Ser-aí. Heidegger a descreve da seguinte forma:

[...] a hermenêutica da facticidade fenomenológica se acha remetida à tarefa de afrouxar o modo tradicional de interpretação com vistas aos seus motivos encobertos, às suas tendências inexpressas e aos seus caminhos interpretativos, avançando em um retrocesso desconstrutivo até as fontes originárias motivadoras da explicação. (HEIDEGGER, 1922, p. 34, *apud* CASANOVA, 2017, p. 18).

Essa citação de Heidegger pode ser mais bem compreendida a partir da distinção que o mesmo faz entre os termos *Geschichte* (história) e *Historie* (historiologia ou historiografia). Por história, podemos compreendê-la como as decisões intrínsecas à história do ser e à constituição dos projetos históricos do mundo, isto é, decisões que não se encontram apenas no passado, mas que possui uma atuação constante sobre o presente e determinantes para o futuro, na medida que determina o modo como o presente pode se constituir. (cf. CASANOVA, 2017).

Na expressão “modo tradicional de interpretação”, se torna evidente isso que Heidegger chamou de história, uma vez que tais decisões intrínsecas à história do ser colocam no presente o horizonte a partir do qual uma questão pode ser pensada, podendo ser essa questão um texto, uma palavra, um gesto, entre outras coisas. É, portanto, nesse sentido que a hermenêutica da facticidade, enquanto método, procura desconstruir os preconceitos que estão envolvidos na interpretação e na forma de se compreender determinados assuntos. (CASANOVA, 2017).

A hermenêutica da facticidade não se trata de um método historiológico, o qual Heidegger compreende como uma abordagem lógico-científica dos eventos do passado. (CASANOVA, 2017). A respeito a esse método de investigação histórico, o filósofo Michel Foucault (1926-1984) fez relevantes considerações ao longo de suas obras, o apresentando como o contraponto de seu método, a arqueologia do saber. Na obra de sua autoria intitulada *As palavras e as coisas*¹¹ Foucault descreveu um fenômeno vigente à sua época ao proferir as seguintes palavras: “com a literatura,

10 Wilhelm Dilthey (1833-1911).

11 Em francês *Les Mots et les Choses*.

com o retorno da exegese e a preocupação da formalização, com a constituição de uma filologia, em suma, com o reaparecimento da linguagem num pulular múltiplo, a ordem do pensamento clássico pode doravante apagar-se”. (FOUCAULT, 1999, p. 417).

Com esse imperativo o hábil autor está se referindo à uma nova forma de analisar acontecimentos históricos, que conforme o próprio Foucault, se contrapõe ao modo tradicional da investigação histórica, que fora chamado por Heidegger de historiologia, que se dispunha a utilizar uma memória milenar e coletiva que, transformados em documentos (livros, textos, narrações, registros, técnicas, objetos, entre outros), apresentavam fatos empíricos, que estiveram presentes em qualquer sociedade, o que significa que se caracteriza como sendo universal. (cf. FOUCAULT, 2008).

Trata-se de uma abordagem lógico-científica da história, que desde Galileu Galilei (1564-1642) e Descartes, admite a possibilidade de uma análise radical para descobrir o elemento ou a origem da natureza, de modo a supor uma organização geral da natureza que pode ser conhecida por meio de uma cronologia contínua da razão, que coloca em evidência acontecimentos históricos importantes (aqueles que possuam fundamental importância, no que se refere a sua função de causalidade) e acontecimentos históricos mínimos. Esses acontecimentos históricos são tomados como objeto de pesquisa e organizados tal como um esquema linear. Nessa sequência, se tornam evidentes as noções de “progresso da consciência” e de “evolução do pensamento humano”, vigentes na modernidade, que anunciam o conhecimento como cumulativo e coloca os pensadores atuais como superiores aos pensadores antigos, já que se trata de uma acumulação de conhecimento ao longo da história.

[...] apareceram, em lugar dessa cronologia contínua da razão, que se fazia remontar invariavelmente à inacessível origem, à sua abertura fundadora, escalas às vezes breves, distintas umas das outras, rebeldes diante de uma lei única, frequentemente portadoras de um tipo de história que é própria de cada uma, e irreduzíveis ao modelo geral de uma consciência que adquire, progride e que tem memória. (FOUCAULT, 2008, p. 9).

Em síntese, não se pretendeu neste estudo realizar uma investigação puramente teórica de textos acadêmicos, como uma formulação erudita, partindo de uma abordagem lógico-científica de evidenciação dos eventos do passado. Entretanto, procurou-se realizar uma busca pelo conhecimento das “coisas mesmas”, em que, a partir da hermenêutica da facticidade se torna possível um diálogo com a tradição, da forma como essa conceituou o ser, para, com isso, apresentar a visão de homem da fenomenologia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. M. de. *et al.* A crise dos fundamentos das ciências modernas: uma leitura a partir de Edmund Husserl. *Pensando - Rev. de Filosofia*, Luís Correia, v. 7, n. 14, p. 27-47, 2016.
- CASANOVA, M. A. *Compreender Heidegger*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- _____. *Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de ser e tempo*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- FEIJOO, A. M. L. C. de. *A existência para além do sujeito*. A crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. O homem e seus duplos. In: _____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GALLAGHER, S. *et al.* Introduction: philosophy of mind, cognitive science, and phenomenology. In: _____. *The phenomenological mind*. 2ª ed. New York: Routledge, 2012.
- GOTO, T. A. *A (re) constituição da psicologia fenomenológica em Edmund Husserl*. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2007.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- HUSSERL, E. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Uma introdução à filosofia fenomenológica. Tradução Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- MARTINS, J. P. *Fenomenologia e neurociência: uma relação possível*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2015.
- NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SÁ, R. N. de. Considerações fenomenológico-existenciais sobre as relações entre filosofia e psicoterapia. *Ekstasis: revista da hermenêutica e fenomenologia*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 74-87, jan. 2014.

SEIBT, C. L. Temporalidade e propriedade em Ser e Tempo de Heidegger. *Rev. Filos.*, Curitiba, v. 22, n. 30, p. 247-266, jun. 2010.